

# Confronto entre Irã e EUA por Ormuz deve ser longo

Autoridades avaliam que a escalada pode durar de um dia a um mês

/ ORIENTE MÉDIO

A Casa Branca se prepara para um confronto de vários dias ou até semanas com o Irã pelo controle do Estreito de Ormuz. A informação foi publicada pelo Jerusalem Post com base em relato da Axios.

Autoridades norte-americanas avaliam que a escalada pode durar de um dia a um mês. Prazo depende de o Irã manter ou não ataques a navios comerciais na região.

Integrantes do governo dizem que a resposta militar dos Estados Unidos (EUA) já entrou em nova fase. Uma autoridade resumiu a postura assim: “Vamos atingi-los um pouco para que entendam que não estamos de brincadeira”.

O Comando Central dos EUA confirmou que concluiu na manhã de quinta-feira a rodada mais recente de ataques de retaliação contra alvos iranianos. A avaliação interna é que a Casa Branca ainda tem espaço para ampliar a pressão.

Essa leitura passa pelo tráfego de petróleo no estreito. Autoridades disseram que centenas de petroleiros cruzaram o Golfo nas últimas semanas, o que reduziu o temor de um salto imediato nos preços do petróleo.

A Estratégia dos EUA

Na visão do governo, o Irã perdeu parte da vantagem que tinha em Ormuz. A passagem



Irã diz que o Estreito só será aberto nos termos de Teerã

de navios pela rota sul, perto da costa de Omã, enfraqueceu esse poder de pressão, de acordo com essa avaliação.

Outra fonte norte-americana atribui a escalada à ala mais radical da liderança iraniana. Segundo essa avaliação, o grupo se frustrou com o memorando de entendimento, que não teria entregue ganhos reais a Teerã.

Essa mesma fonte diz que Washington não pretende retomar um acordo sem novas concessões. “Eles começaram a atirar, e decidimos responder com força. É um processo. Temos paciência”, afirmou.

Donald Trump disse na quarta-feira que considera encerrado o memorando de entendimento com o Irã. Em entrevista coletiva na cúpula da Organização do Tratado do Atlântico Norte

(Otan) em Ancara, ele afirmou: “Para mim, acabou”.

Trump também afirmou que os EUA perderam muito tempo em negociações com Teerã. Depois, no Air Force One, disse que autoridades iranianas ligaram e “querem fazer um acordo”, mas questionou se elas cumpririam um acerto.

O Irã ainda não respondeu publicamente às declarações de Trump. Em publicação no X, o negociador-chefe Mohammad Bagher Ghalibaf acusou os EUA de intimidação e quebra de promessas e disse: “Se atacarem, serão atingidos”.

Ghalibaf acrescentou que o Estreito de Ormuz só será reaberto nos termos do Irã. Ele afirmou que a passagem não vai depender de “ameaças americanas”, mas de “arranjos iranianos”.

## Irã ataca bases militares e acusa EUA de ofuscar funeral de Khamenei

A Guarda Revolucionária do Irã disse nesta quinta-feira que voltou a atacar bases dos Estados Unidos no Bahrein, no Qatar e no Kuwait, três monarquias do Golfo aliadas de Washington. Segundo meios de comunicação estatais, atingiram um sistema Patriot de interceptação de mísseis no Kuwait, um sistema de alerta antecipado no Qatar e tanques de combustível no Bahrein, com “um grande número e variedades de tipos de drones militares kamikaze”.

Um funcionário da Defesa norte-americana disse à agência AFP, sob anonimato, que os ataques iranianos foram interceptados ou não causaram danos significativos.

Depois de ter voltado a ser alvo de ataques dos EUA, o regime iraniano denunciou um “crime de guerra” e está convencido de que Washington tenta sabotar o enterro de seu ex-líder supremo Ali Khamenei.

Os ataques dos EUA mataram ao menos 14 pessoas e feriram 78 em dois dias, informou o Ministério da Saúde iraniano. Poucas horas depois, o Irã afirmou que três soldados da Guarda Revolucionária haviam sido mortos. Não está claro se eles estão incluídos na contagem anterior.

O Exército norte-americano, por sua vez, disse ter atingido cerca de 90 “alvos militares” no Irã, incluindo sistemas de defesa antiaérea, em sua última série de ataques. Segundo comunicado, o objetivo era “degradar ainda mais a capacidade do Irã de atacar o transporte marítimo comercial e marinheiros civis inocentes no estreito de Ormuz”.

O governo de Israel também se manifestou nesta quinta-feira e disse que está pronto para atacar o Irã uma terceira vez, se necessário. A contagem de Tel Aviv se re-

fere primeiro à guerra de 12 dias, no ano passado, quando se juntou a Washington em uma ofensiva contra o regime. A segunda vez foi em 28 de fevereiro deste ano, dando início à guerra corrente.

“O Exército está preparado e em alerta para uma retomada dos combates, a fim de recuperar a superioridade aérea e atacar novamente”, disse o ministro da Defesa israelense, Israel Katz.

O Irã desafia o presidente dos EUA, Donald Trump, com sua intenção de cobrar pedágio dos navios que transitam pelo estreito. Antes do atual conflito, a passagem pela via marítima era livre e responsável pelo tráfego de 20% do petróleo e do gás natural liquefeito consumidos no mundo.

Washington acusa o Irã de ter atacado, na terça-feira, pelo menos três navios comerciais que transitavam pelo estreito. A Marinha da Guarda Revolucionária do Irã afirmou também nesta quinta-feira que são os ataques dos EUA e a intervenção no redirecionamento do tráfego marítimo que estão prejudicando a reabertura gradual da via navegável estratégica.

A Guarda acrescentou que a capacidade de trânsito sob supervisão iraniana havia se recuperado para cerca de 50% dos níveis anteriores à guerra nas últimas duas semanas. Ainda segundo o comunicado, a capacidade de trânsito estava sendo expandida apenas para embarcações que receberam permissão para usar rotas designadas pelo Irã.

Trump deu a tregua por encerrada entre ambos os lados após a primeira rodada de ataques mútuos de quarta-feira. O Irã disse que os EUA atacaram infraestruturas civis. Segundo a chancelaria iraniana, pelo menos duas pontes que conduzem à cidade santa de Mashhad, onde Ali Khamenei ficará sepultado, foram atingidas.

## Número de mortos pelo terremoto sobe para 3.811

/ VENEZUELA

Pelo menos 3.811 pessoas morreram até quarta-feira, em consequência dos dois terremotos que atingiram o norte da Venezuela há duas semanas, segundo o balanço oficial divulgado pelo governo venezuelano. Os dados apresentados na terça-feira, data da última atualização, registravam 3.685 vítimas (aumento de 126 mortos).

Os terremotos consecutivos, de magnitudes 7,2 e 7,5, deixaram ainda 16.740 feridos e 17.907 desabrigados, de acordo com o boletim lido pelo presidente da Assembleia Nacional, Jorge Ro-

dríguez. O desastre afetou especialmente o Estado costeiro de La Guaira, onde mais de 800 edifícios foram atingidos, dos quais 190 desabaram completamente.

A presidente interina, Delcy Rodríguez, pediu ao rei Charles III que o ouro venezuelano das reservas internacionais, retido no Banco da Inglaterra, seja liberado para que o governo local utilize os recursos no atendimento às vítimas dos terremotos.

No Banco da Inglaterra estão depositados lingotes de ouro da Venezuela, avaliados em US\$ 1,9 bilhão. A Justiça britânica já havia recusado ceder o controle desses recursos ao então gover-

no de Nicolás Maduro, por considerá-lo ilegítimo. “Decidi enviar uma carta ao rei da Inglaterra para que liberem o ouro que está retido no Banco da Inglaterra. Esse ouro pertence ao nosso povo”, declarou Delcy.

Ela afirmou ainda que conversou com a diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Kristalina Georgieva, para insistir na liberação de recursos da instituição. A Venezuela possui no FMI 3,568 bilhões de Direitos Especiais de Saque (DES), equivalentes a aproximadamente US\$ 5,1 bilhões, recursos bloqueados porque o Fundo não reconheceu Maduro como presidente.



Funeral de Khamenei reuniu uma multidão em Mashhad, nesta quinta